



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-escrita-e-um-ato-fisiologico/>

“A escrita é um ato fisiológico”: entrevista com Flavia Neves

Daniela Feriani[1]

Flavia tem 35 anos, é capixaba e mora em Vila Velha, ES, com três gatos e uma dúzia de plantas. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é educadora, artista e escritora. Se ninguém parecia entendê-la ou ampará-la, encontrou na escrita uma possibilidade de existir a seu modo. Flavia faz da própria arte um modo de vida – ou da própria vida uma obra de arte. De uma sensibilidade crítica e poética, a artista nos convida a mergulhar na vida, sentir as coisas de maneira plena e, por vezes, ousada.



Flavia tem 35 anos, é capixaba e mora em Vila Velha, ES, com três gatos e uma dúzia de plantas. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é educadora, artista e escritora. Atua na luta política pelo direito à saúde e se dedica à produção literária e artística de



maneira independente, além de trabalhar com seu “eterno primeiro amor”: a educação. É membra da Associação Mãesconhas do Brasil, que defende o direito ao uso terapêutico da cannabis e ao cultivo próprio, do Coletivo Felicidade Elefantástica, que reúne escritores interessados em produzir e estudar literatura, além de oferecer cursos de formação, e do Duo Flamar, uma parceria com outro artista para fomentar o pensamento crítico e criativo, com realização de exposições e outros projetos.

Em 2023, Flavia lançou *Flor* e, em 2024, *Rizoma* – seus primeiros livros, ambos verbovisuais. Além de poesias, frases, fragmentos, as obras contam com pinturas e fotografias da artista, que também produziu toda a parte editorial, como capa, diagramação, projeto gráfico, revisão. O terceiro livro – *Estigma* – já foi lançado como parte de sua primeira exposição individual – *Travessias* – e está em vias de ser oficialmente publicado.

Se ninguém parecia entendê-la ou ampará-la, encontrou na escrita uma possibilidade de existir a seu modo. “Escrever foi tornando a existência tangível.” Para Flavia, o escritor é um artista da palavra. “Penso que é preciso devolver a literatura ao seio da arte.” Mas é mais do que isso. Flavia faz da própria arte um modo de vida – ou da própria vida uma obra de arte. Além de tornar a vida vivível – a escrita como um ato fisiológico –, escrever também funciona como um meio de transformar a vida em arte, de trazer arte ao cotidiano, a arte de viver, a arte de ser quem se é.

De uma sensibilidade crítica e poética, Flavia nos convida a mergulhar na vida, sentir as coisas de maneira plena e, por vezes, ousada. “Cheiro quadros, danço na rua, toco cores, esculpo palavras, instalo teorias. Sou uma artista contemporânea, uma mente propositiva.” Ponderada com rótulos e convenções, Flavia não se deixa aprisionar e marca seu lugar no mundo. Sabe muito bem o quanto precisou e precisa lutar para que esse lugar seja aceito, reconhecido, validado. Usuária dos serviços de saúde mental desde os dez anos de idade, é consciente dos males e dos benefícios, dos limites e dos alcances dos discursos e das práticas médicas. Do mesmo modo, reconhece a importância que o diagnóstico de autismo teve em sua vida, mas vai muito além dele. Sonha com um mundo em que um manual com mais de trezentas “doenças” ou “transtornos” possa se transformar em “meia dúzia de condições organizadas em espectro, para nos ajudar a compreender a diversidade da natureza e das necessidades humanas”.



ClimaCom - Daniela Feriani - Quando você soube do diagnóstico de autismo? Como foi?

Flavia Neves - Eu identifiquei o autismo aos 28 anos de idade. Encontrei essa resposta no processo de análise. Mas não tive muito amparo ou oportunidade de diálogo qualificado de imediato, o que tornou a descoberta conturbada. Formalmente, recebi o diagnóstico aos 30, quando pude ser acompanhada por profissionais que entendiam de autismo e sabiam o que se passava comigo. Isso foi uma virada de chave. Finalmente, respostas mais precisas foram dadas a perguntas que, até então, ficavam no vácuo ou eram respondidas vagamente, com sugestões de que me faltavam esforço e comprometimento para caminhar melhor pela vida. Pude entender o quanto as altas habilidades tornavam difícil perceber o autismo e vice-versa.

Sou usuária de serviços de saúde mental desde os dez anos de idade, por ter sido identificada na escola como diferente das demais crianças e ter um sofrimento acentuado, porém nunca houve explicações ou mesmo orientações que pudessem contribuir para meu desenvolvimento. É claro que o diagnóstico não elimina as angústias próprias do viver, nem responde a tudo. Não é essa sua função. Mas, com compreensão sobre meu funcionamento, pude adaptar minha vida e, sobretudo, fazer escolhas mais conscientes dali em diante. Venho me desenvolvendo em áreas importantes, como relacionamentos e cognição, com respeito aos meus interesses e modo de ser – o que me permitiu, pela primeira vez, pertencer também a mim mesma.

ClimaCom - Daniela Feriani - Como é a sua relação com a escrita? Qual é o lugar que a escrita ocupa em sua vida? E por que escolher a poesia, em particular?

Flavia Neves - Escrevo porque, existencialmente, essa foi a possibilidade que encontrei. Desde sempre, meu corpo reagiu ao mundo de um modo tal que nada nem ninguém podia amparar ou entender. A partir de um determinado momento, veio a escrita. Escrever foi tornando a existência tangível. Felizmente tenho, hoje, um repertório mais amplo de ações e expressões que me dão suporte existencial. Em palavras orgânicas, posso dizer que minha escrita é um ato fisiológico antes de ser uma atividade mental. Da mesma forma que ir ao banheiro ou vomitar são ações imperativas do corpo e trazem alívio por expulsarem algo que precisa sair, assim é minha escrita. Da mesma forma que o êxtase às vezes se concentra e explode em gozo, assim também é minha escrita. E sobre o que emerge, desenvolvo o trabalho intelectual de autora.



Nesse sentido, eu não escolhi a poesia. Penso que ela me escolheu. Via de regra, não há um planejamento do tipo “vou fazer um poema”, ou “uma crônica”, ou “um conto”. Há algo em mim que, quando sai, descubro o gênero. Uma gestação sem ultrassonografia. Talvez a poesia tenha sido a primeira forma-escrita que compartilhei com outras pessoas, por isso sou identificada como poeta, o que é verdade sim. Mas também escrevo prosa, assim como produzo outras formas de arte.

ClimaCom - Daniela Feriani - Como essas experiências – a do autismo e a da escrita – se relacionam? Ser autista influencia na sua maneira de escrever? E, por outro lado, a escrita tem algum impacto ou efeito no seu modo de ser e viver enquanto autista?

Flavia Neves - Já tive respostas muito categóricas para essa pergunta. E talvez o que escrevi na questão anterior traga pistas sobre isso. Hoje confesso que não sei ou não quero responder, apenas investigar. Tenho indagações e percepções sobre isso, mas como nunca experimentei a vida como pessoa típica, me é impossível afirmar ou mesmo explicar a natureza exata da relação entre o autismo e a escrita. Sei que existe uma relação entre as duas coisas, pois, embora eu não me limite a uma dada configuração neurológica, não posso dela escapar. Mas daí a delimitar a fronteira ou a interseção onde as duas se encontram, talvez, seja algo fora do meu alcance ou interesse neste momento. Futuramente, é possível que eu tenha outras palavras para isso.

ClimaCom - Daniela Feriani - Além de escrever, você desenha, pinta, faz colagens e outros trabalhos artísticos. Como é a relação entre escrita e arte pra você?

Flavia Neves - Escrevo, danço, pinto, desenho, bordo e continuo a experimentar as linguagens que me chamam pelo caminho. Cheiro quadros, danço na rua, toco cores, esculpo palavras, instalo teorias. Sou uma artista contemporânea, uma mente propositiva. Inclusive, me incomoda a separação entre escrita e arte que eu mesma faço quando me defino. O escritor é um artista, assim penso. Artista da palavra. Na própria universidade onde me formei, por exemplo, o curso de letras fica situado em um centro dedicado às ciências humanas, em vez de ser no centro de artes. Até mesmo os prédios ficam longe um do outro. Isso é simbólico.

Acho triste que à literatura tenha sido reservado um lugar burocrático dentro da disciplina de língua portuguesa na escola. Sou professora de português e tive experiência na rede pública de ensino. Me



parece que o livro não é considerado popularmente um objeto de fruição como o cinema, o teatro, a dança, o show musical e até mesmo a exposição. Claro, para quem já gosta dele ou se sente seduzido por ele, o livro é fruição. Mas para uma grande parcela da população brasileira, que pouco lê, o livro é como aquelas lojas de roupa com porta de vidro, ar condicionado e fechadura trancada. Inacessível. “Isso não é pra mim”, sabe?

Penso que é preciso devolver a literatura ao seio da arte. E acho bonito ver que tem muita gente boa fazendo isso por aí. Por isso, entendo a escrita como arte e tenho pensado os livros como objetos estéticos. Só não sei ainda em que isso vai dar. Talvez em nada. Vou ver o que a arte me reserva.

ClimaCom - Daniela Feriani - Em seu livro “Flor”, os poemas assumem uma crítica aos rótulos biomédicos, principalmente psiquiátricos. Como você vê e lida com o saber médico e os serviços de saúde? Como você avalia o modo como os transtornos mentais são compreendidos e tratados tanto por especialistas quanto pela sociedade, de modo geral?

Flavia Neves - Para responder essas perguntas, preciso falar sobre a psiquiatria. Desde sua origem, essa área da medicina tem se ocupado do quanto um corpo não produz ou do quanto incomoda os outros. Menor é a atenção dada ao sofrimento da pessoa. Pior do que isso: de um modo geral, a psiquiatria segue ignorando o quanto esse sofrimento pode derivar de violências próprias de uma sociedade que busca pasteurizar a existência.

Apesar das reformas, parece que esse ramo da medicina não alterou em sua essência a visão e o conceito de ser humano. As práticas foram higienizadas, as violências se tornaram palatáveis e, justamente por isso, está mais difícil combatê-las. O sequestro da subjetividade, o tutelamento da voz, a contenção e a superioridade da caneta ainda são a norma. A camisa de força hoje é química, o manicômio se chama clínica e suas sucursais mais degradantes estão dissociadas do campo da saúde, como é o caso das comunidades terapêuticas. Foi feito um belo trabalho de design de interiores num prédio com estruturas podres.

Decerto, houve muitos avanços no campo da saúde mental como um todo. E existem, sim, psiquiatras humanos, críticos e comprometidos com o bem-estar das pessoas em sofrimento. Isso não altera o fato de que atuam, muitas vezes de forma heroica, dentro de uma estrutura com vícios profundos, cujo cerne permanece intacto. Por isso, penso que, em algum momento, ou a psiquiatria



será reconstruída ou será abolida, e a medicina terá muito trabalho para reparar os séculos de sequestro mental. Ou, ainda, esse ramo ganhará mais força, talvez com um novo nome e uma nova roupa, e continuará escravizando subjetividades a serviço de um bom funcionamento do mundo produtivo, como sempre fez. Como o momento que vivemos é de transformação nas relações de trabalho e produção, talvez o poder psiquiátrico já esteja se apropriando disso.

Com tudo isso, não digo que a investigação científica e os “diagnósticos” são um equívoco. Pelo contrário. É preciso nomear para existir. Patologizar, não. Cuidar, sim. Talvez, no futuro, em vez de um manual com mais de trezentas “doenças” nomeadas de forma eufemística como “transtornos”, tenhamos meia dúzia de condições organizadas em espectro, para nos ajudar a compreender a diversidade da natureza e das necessidades humanas. Parece um horizonte melhor do que patologizar cada modo diverso de existir e cada reação às violências estruturais.

Apesar das críticas, continuo sendo usuária de serviços de saúde mental, incluindo atendimento psiquiátrico. O cuidado adequado tem me ajudado a viver com dignidade. E isso me faz perceber que a sociedade ainda vê com preconceito a questão. Fico especialmente incomodada com o discurso de que “ter psicólogo para sempre está sendo vendido como estilo de vida”, como se fosse apenas luxo ou questão de mercado. Ora, se uma pessoa precisa de dado suporte para se desenvolver, de certas tecnologias para garantir seu pleno pertencimento à comunidade, seja temporariamente, seja por toda a vida, negar isso é negligência. O verdadeiro problema é a falta de acesso para todos que precisam.

Com 25 anos de trajetória como usuária de serviços de saúde mental, vejo que, tirando as exceções que confirmam a regra, de um lado, há profissionais puxando a corda para o “psicossocial” e, do outro, a turma da outra ponta puxa a corda para o “bio”. Enquanto isso, quem mais precisa ser visto e entendido em sua integralidade e humanidade, que são as pessoas em sofrimento, assiste essa guerra de “profissionais salvadores”. Penso que nos pautarmos exclusivamente no “bio” é tão perigoso quanto ignorá-lo, e o mesmo vale para o “psicossocial”. Pouco avançaremos se não conseguirmos realmente integrar ao menos quatro dimensões da existência humana: biológica, psíquica, social e espiritual.

Certamente, muita gente boa falou e fala isso por aí, não estou inventando a roda. Antes de chegar a essas percepções, além de viver de olhos arregalados e estudar minha própria vida e meu entorno, assisti muitas aulas e pesquisei um tanto. Porém, não deu tempo de anotar os autores no



caderninho dos academicismos, visto que tudo que estudei tinha o propósito de salvar minha própria vida e me libertar da escravização mental. O que aprendi se tornou amálgama de mim. E meu principal instrumento de pesquisa sempre foram meus olhos, meu sentir e minha capacidade de pensar.

Dessa perspectiva, entendo que o protagonismo dos chamados “pacientes” é, ao mesmo tempo, o maior desafio e a melhor saída. Isso é o que pode transformar, inclusive, a visão preconceituosa que ainda se tem sobre as pessoas em sofrimento, os desviantes, os divergentes. Mas até esse protagonismo é tutelado: existe um cercadinho dentro do qual podemos ser protagonistas. Se ousarmos olhar, questionar, investigar e reivindicar qualquer coisa fora da cerca, o protagonismo vira doença. Ou melhor, sintoma. Aliás, transtorno. Será que estamos em obras? Seria uma reconfiguração das cercas?

ClimaCom - Daniela Feriani - Quais são as principais dificuldades que você enfrenta como autista, de um lado, e como escritora, de outro? E quais são os desafios de ser uma autista-escritora?

Flavia Neves - A maior dificuldade que já enfrentei como autista foi tentar ser, viver, produzir, reagir, pensar e sentir como uma pessoa típica. Certamente a rigidez cognitiva e as peculiaridades na comunicação me trazem desafios imensos. Ainda assim, o mais difícil não é ser autista, e sim lidar com as barreiras que encontro por ser como sou. E isso acontecia antes mesmo do diagnóstico, pois a diferença era evidente e era apenas nomeada de outras formas, em geral pejorativas e carregadas de julgamentos morais.

Depois do diagnóstico, com frequência percebo que posso ter minha singularidade roubada por categorias médicas que me distanciam do que, em essência, sou: um ser humano. Decerto, ainda hoje lido com pessoas, instituições e relações, sobretudo de trabalho, que tentam me exigir um enquadramento, uma resposta típica. Sabe quando alguém é incluído para ser colocado na vitrine, mas na prática sua natureza é desprezada? Então, acho que isso é o mais difícil de se enfrentar sendo uma mulher autista grau 1 de suporte.

ESPETACULARIZAÇÃO DA DIFERENÇA

no palco



aplauso

na vida

ojeriza

Como escritora, penso que minhas dificuldades são comuns às de muitos outros artistas, independente de questões sobre neurodiversidade. Sendo uma pessoa que necessita da introspecção e do silêncio, me é muito difícil sustentar as relações exigidas pelo modo como o mercado de arte e o literário hoje se configuram. Quando isso se une à minha forma de me relacionar e me comunicar, essa dificuldade se acentua.

Entendo que o maior desafio de ser uma artista-autista é sustentar a ousadia de me posicionar, de não negociar minha existência, de não me mutilar para caber. E a verdade é que esse desafio vale para todas as pessoas, cada uma com seus recortes e intensidades. Autistas, tenho certeza, são seres humanos. Minhas características e meus desafios não são extra-humanos. Não é preciso supervalorizar as diferenças para entendê-las.

ClimaCom - Daniela Feriani - Vou acrescentar mais um condicionante nos desafios elencados acima: ser mulher, já que esse também é um tema que você traz em alguns poemas, especialmente no livro “Rizoma”. Como a experiência de ser mulher impacta a experiência de escrever, de ser autista ou apenas de existir e se posicionar no mundo?

Flavia Neves - Minha experiência como mulher está diretamente ligada à minha realidade material e social. O resto, bom, o resto deixo por conta da poesia.

ClimaCom - Daniela Feriani - Tem algo mais que você gostaria de dizer? Se sim, fique à vontade para fazer aqui.

Flavia Neves –

ESPERANÇA

impotente estou
diante de meu rebento
sou pura agonia, incompreensão



desespero
não aguento

o que quer esse menino
que berra e quebra
tantas coisas e tantas expectativas?

como posso, eu mãe,
aplar tamanha agonia?
o que me diz o meu filho
quando se comporta tão à revelia?

se acalme, mãe,
você não está perdida

suas perguntas
é que te levarão
à calma pretendida

Obrigada, Flavia, por compartilhar o seu modo sensível, ousado e criativo de ver a vida, por se posicionar contra as violências e se comprometer em fazer do mundo um lugar possível para as múltiplas existências.

Deixo, por fim, dois poemas do livro *Rizoma*:

FALO

nega-me o verso
e eu me faço palavra
feito lava quente
que não distingue o que engole
faço-me o inverso
e com silêncios e berros te atormento
te incomodo, te incendeio
te derroto e devoro

nega-me o verso
e me faço torrente de lágrimas e sangue
que vertem teu suor
em goles urgentes
de puro prazer

– prazer de ver o caroço do seu olho
se agoniar



e tremer

pelo simples porquê
de eu ter razão

e meu verso tomar

METODOLOGIA

prometo solenemente
esconder em meus silêncios
pensamentos profundos

desejo ardentemente
que as pessoas se autorizem
a deitar no chão

e ouvir as fendas

Livros:

- *Flor*

- *Rizoma*

- *Estigma* [no prelo]

Instagram: @flavianeves.art

Contato: contato@flavianeves.art

[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br.

Instagram: @soproseassombros